

Ensinaí as Nações

Palestras sobre a Grande Comissão

Vincent Cheung

Copyright © 2005 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	4
1. A GRANDE COMISSÃO	5
2. A MENSAGEM CRISTÃ	11
3. A PRESENÇA PERMANENTE	19

Então, Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Mateus 28:18-20

Introdução

A Igreja é a reunião do povo de Deus. Essas pessoas se reúnem por causa da eleição e providência soberana de Deus, e elas se reúnem ao redor de um credo e uma causa comum. Elas não deveriam ser um grupo de pessoas que estão apenas sendo levadas pela vida, esperando a morte, pois isso descreve a existência deplorável dos não-cristãos, da qual nosso Pai nos libertou por sua graça através de Cristo.

Esse credo e causa comum não devem ser reduzidos a quase nada, simplesmente para que eles possam continuar sendo comuns entre o povo de Deus. Mas Cristo é aquele que define nosso credo e nossa causa. É ao redor do *seu* credo e da *sua* causa que os verdadeiros cristãos estão unidos. Aqueles que rejeitam o seu credo e a sua causa denunciam a falsa profissão deles.

O credo e a causa de Cristo não são mínimos, mas sim significativos, substanciais e detalhados. E para que a Igreja permaneça uma comunidade fiel e eficaz do povo de Deus, é imperativo que ela tenha uma firme compreensão do seu credo e de sua causa, sua doutrina e o seu propósito.

Uma igreja pode ser fiel, distintiva e conservadora em seu propósito e identidade neste mundo somente conhecendo a doutrina que ela deve promover. E somente conhecendo a missão que ela deve cumprir é que a Igreja pode permanecer eficaz, focando seus recursos e designando suas atividades e alcances com essa finalidade apropriada em vista. Além do mais, quando o credo e a causa da Igreja são especificamente esclarecidos, torna-se mais fácil para indivíduos dentro da Igreja se alinharem com a sua doutrina e propósito, e isso conseqüentemente os tornam mais fiéis e eficazes como crentes individuais.

Portanto, no que se segue, dirigirei nossa atenção para a passagem no Evangelho de Mateus que é comumente chamada de a Grande Comissão. A partir dessa passagem consideraremos o credo e a causa da Igreja como eles foram primeiramente declarados aos apóstolos pelo Cabeça da Igreja.

Embora os primeiros recipientes dessa comissão tenham sido os apóstolos, nunca foi pretendido que ela começasse e terminasse com eles. Antes, os apóstolos lançaram o fundamento necessário, e no curso de seus ministérios, eles ensinaram outros e os ordenou a continuar a missão, e assim, eles, por sua vez, ensinariam outros, que também ensinariam a geração após eles.

Dividiremos nossa discussão em três partes, e nessas três partes, consideraremos a responsabilidade, a mensagem e o poder do mandamento do nosso Senhor de ensinar a todas as nações tudo o que ele tinha ordenado.

1. A Grande Comissão

No momento em que Jesus declarou aos seus apóstolos a Grande Comissão, no final do Evangelho de Mateus, ele estava perto de ser tomado ao céu e de se assentar à destra do Pai. No pano de fundo dessa comissão estão todas as coisas que aconteceram antes desse evento. Entre outras coisas, essas incluem a sua encarnação, tentação, proclamação, crucificação e ressurreição.

Seria instrutivo examinar todos esses itens antes de considerarmos a Grande Comissão, e de fato eles fornecem o pano de fundo necessário para entendermos completamente nossa passagem. Contudo, fazê-lo exigiria caminhar por todo o Evangelho desde o seu princípio, e isso seria uma tarefa muito maior do que a que podemos presentemente fornecer. Assim, a despeito das deficiências, teremos que limitar nosso estudo a esses poucos versículos.

Jesus começa dizendo: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra”. Uma exposição exaustiva da passagem deveria incluir uma explicação de como ele obteve essa autoridade. Mas como mencionado, não podemos gastar tempo para considerar tudo o que veio antes, e assim, devemos começar a partir daqui, e simplesmente observar que ele tinha essa autoridade, e então proceder sobre essa base. Todavia, podemos mencionar que essa autoridade pertence à sua natureza humana, e como nosso Mediador e o Cabeça da Igreja. Em sua natureza divina, ele sempre possuiu autoridade absoluta sobre todas as coisas.

Voltaremos a essa questão de autoridade mais tarde e a aplicaremos à Grande Comissão, a medida que precisarmos desse ponto para tratar de uma questão particular.

Ele continua: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações”. Previamente, os apóstolos tinham sido instruídos a permanecerem em Israel quando Jesus lhes enviou para pregar, e o próprio Jesus declarou diversas vezes que ele foi enviado ao povo de Israel. Contudo, o evangelho nunca foi rigidamente e totalmente retido dos gentios. De fato, Jesus até mesmo elogiou a grande fé de diversos gentios que reconheceram sua autoridade e poder especial.

Mas agora ele explicitamente encarrega seus discípulos de pregarem a todas as nações. As pessoas falam de graça universal e de salvação universal, mas esse é o único tipo de universalismo que a Bíblia conhece – não a salvação de todas as pessoas, e nem mesmo a possibilidade de salvação de todas as pessoas, mas a salvação de todos tipos de pessoas, pessoas de todas as nações e contextos

Deus escolheu todos tipos de pessoas para salvação. Por sua graça, nenhum grupo é mal demais para ser excluído de ouvir o evangelho. Pedro foi admoestado com as palavras: “Não chame impuro ao que Deus purificou” (Atos 10:15). Mas por outro lado, nenhum grupo é bom o suficiente para poder escapar da ira de Deus e ganhar acesso a ele sem o

evangelho. Assim, a Igreja deve proclamar o evangelho a todas as nações, chamado os eleitos à fé em Cristo.

Quando os cristãos pensam sobre suas responsabilidades para com a Grande Comissão como indivíduos, por um lado eles se tornam insatisfeitos com uma mentalidade espectadora, mas por outro lado, é da mesma forma importante que eles rejeitem um individualismo extremado, como se um cristão não estivesse cumprindo seus deveres, a menos que ele esteja fazendo cada pequena coisa que a Igreja como um todo é suposta fazer.

Você sabe o que quero dizer por mentalidade espectadora. Pastores frequentemente advertem seu povo sobre isso. É a atitude de que a obra do evangelho é quase exclusivamente desempenhada pelos ministros profissionais, enquanto o resto dos crentes apenas se senta e assiste. Os melhores espectadores cristãos poderiam ser muito generosos com o seu dinheiro, de forma que embora eles não estejam fazendo nada, pelo menos os ministros deles podem continuar a obra. Mas isso não é suficiente. Cristo chama todos a ativamente e zelosamente trabalhar por seu reino. Além de serem generosos com o seu dinheiro, os crentes devem ser generosos com o seu tempo, sua força, e seus outros recursos também, e dedicar essas coisas para a obra do evangelho sob a direção dos líderes de sua igreja.

A mentalidade de espectador é muito comum, mas pelo menos há pessoas que pregam contra ela, e que urgem os crentes a se tornarem mais ativos em ajudar suas igrejas, bem como a se tornarem testemunhas mais agressivas de Cristo em suas vidas diárias, não importando em qual situação eles se encontrem. Por outro lado, o problema do individualismo extremo é menos óbvio, e é até mesmo encorajado e elogiado por alguns pregadores bem intencionados, os quais, todavia, falham em perceber que a Grande Comissão deve ser realizada pela Igreja como um todo, e não por indivíduos como considerados independentemente um dos outros.

Assim, algumas vezes você ouvirá um pregador dizer: “Você deve testemunhar para pelo menos uma pessoa todo dia”, ou “se alguém te conhece há uma semana e ainda não sabe que você é um cristão, então há algo de errado com você”. Ambas as declarações, e muitas outras semelhantes a essas, podem ser verdadeiras em algumas circunstâncias e para algumas pessoas, mas é destrutivo e irresponsável para os pregadores fazerem essas generalizações.

Algumas vezes eles falam como se cada crente fosse uma igreja inteira em si mesmo, de forma que, como um indivíduo, ele deve realizar todas as tarefas que uma igreja é suposta realizar. Agora, se alguém é excelente como um administrador de igrejas, mas é terrível na pregação do evangelho, certamente ele deveria tentar melhorar no evangelismo pessoal, e certamente ele deveria pregar o evangelho a quem quer que Deus traga até ele em sua providência. Mas não há nada de errado para ele o gastar mais do seu tempo na administração da igreja, de forma que outras pessoas, e a igreja como um todo, possa se tornar mais eficazes no evangelismo. Seria uma grande injustiça para alguém ignorar sua

contribuição menos direta, mas todavia substancial, para o sucesso da igreja, e reprová-lo por fazer muito pouco evangelismo pessoal.

Se alguém parece estar fazendo muito pouco do que você considera importante, antes de repreendê-lo sobre isso, tente pensar se ele está contribuindo para outras áreas do ministério da igreja. Talvez o evangelismo pessoal seja a única área na qual ele parece ser inferior às outras pessoas, e suas contribuições em outras áreas colocam você e o restante da igreja à vergonha. E talvez seja precisamente por causa disso que ele não tem sido capaz de gastar tanto tempo no evangelismo pessoal, enquanto fazendo possível para você e os outros o pregar eficazmente o evangelho.

Uma congregação consiste de vários indivíduos – cada um tem seu próprio dom, e cada um tem o seu próprio lugar. Ao invés de perguntar se alguém está fazendo *essa* coisa de maneira suficiente, deveríamos perguntar se ele estava fazendo uma parte, *sua* parte, na igreja. Podemos aplicar isso também às igrejas individuais. Cada congregação local não é esperada cumprir tudo da Grande Comissão por si mesma, de outra forma, cada igreja teria que enviar missionários para cada nação no mundo. Imaginem a confusão que resultaria e os recursos que seriam gastos se isso fosse de fato o que cada igreja tentasse fazer, isto é, quando cada igreja tentasse ser a Igreja toda.

Resumindo, enquanto seria errado pensar que você não precisa obedecer a Grande Comissão, e deixá-la com outras pessoas, seria também errado pensar que você é o único que a está obedecendo, de forma que você tentaria fazer tudo dela por si mesmo. Não aja como se outros indivíduos não existissem, ou como se outras igrejas não existissem. E antes de condenar alguém por fazer pouco, preste bem atenção para ver se ela não está de fato fazendo muito mais do que você, e talvez sendo aquela que torna o seu ministério possível e sustentável.

Agora, Jesus diz: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. *Portanto*, vão e *façam discípulos* de todas as nações, batizando-os..., ensinando-os...”. Como o Cabeça da Igreja, ele tem definido nosso propósito e nossa agenda. Qual é? O que é a Grande Comissão? É “fazer discípulos” – que é a resposta mais simples e mais inclusiva para a pergunta. Deixamos de fora muitas palavras dos versículos 19 e 20 que daremos mais detalhes, mas olharemos para elas mais tarde. Neste momento, nos focaremos naquelas palavras que deixei em itálico, e traçaremos algumas das suas implicações.

A Igreja deve fazer discípulos ativamente. O que isso envolve é explicado pelas palavras que seguem: “batizando-os..., ensinando-os...”. Mas a própria palavra “discípulo” nos diz muita coisa. Um discípulo é um aprendiz. Ele é certamente um estudante no sentido de “sala de aula”, visto que ele estuda os ensinamentos do seu professor através de instruções verbais e reflexões intelectuais. Contudo, seu relacionamento com o professor é mais envolvido do que o de um estudante de sala de aula típico, visto que ele também se submete às ordens do seu professor e segue a sua conduta. Em outras palavras, um discípulo é um estudante *total* – ele luta para aprender e adotar a filosofia, o estilo de vida, o propósito e a paixão do seu professor.

Porque os cristãos são os contatos humanos através dos quais o mundo aprende sobre Cristo, nesse sentido muito limitado e relativo as pessoas que trazemos à fé são nossos discípulos. Mas seria errado parar aqui, e permitir que os conversos não fossem além disso. Pelo contrário, devemos deixar claro que nós mesmos somos discípulos de Cristo, e que há realmente somente um Mestre (Mateus 23:8). Todavia, nem todos os cristãos estão no mesmo nível de maturidade, e Cristo de fato designou relacionamentos de professor-estudante entre os membros do seu Corpo. Assim, Paulo urge para que seus leitores o sigam, isto é, assim como ele segue a *Cristo* (1 Coríntios 11:1; veja também 4:15-16, Filipenses 3:17, 1 Tessalonicenses 1:6).

Devemos evitar seguir e reverenciar líderes cristãos particulares de uma forma que equivalha à idolatria. Por outro lado, há aqueles que se rebelam contra toda autoridade humana e reivindicam que seguem a Cristo somente. Mas isso é ser rebelde, e não espiritual. A razão real do desafio deles frequentemente não é um apego profundo a Cristo, mas uma resistência contra Cristo, e isso os leva a se afastar dos líderes humanos que se esforçam para lhes declarar e reforçar os mandamentos de Cristo. Em todo caso, a Bíblia diz: “Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles” (Hebreus 13:17).

Observe que devemos fazer discípulos e não meros conversos. De fato, a Bíblia não faz uma distinção entre conversos, crentes e discípulos, como se alguém pudesse se tornar apenas um crente e parar aqui, sem se tornar um aprendiz de Cristo. Antes, todo converso verdadeiro tem também se tornado e permanecerá sendo um discípulo. Mas se em nosso uso fazemos uma distinção entre conversão e discipulado, então devemos dizer que a Grande Comissão é para fazer discípulos, e não fazer conversos.

Agora, se os discípulos são aprendizes, o que devemos lhes ensinar? Ou, para colocar de outra forma, qual mensagem devemos declarar a “todas as nações”? Qual é o “evangelho” que devemos pregar às pessoas? Nós abordaremos essas questões mais tarde, mas antes de podermos até mesmo discutir a *mensagem* da Grande Comissão, já há uma objeção sobre o *fato* da Grande Comissão.

Os não-cristãos se ofendem não somente com a mensagem de evangelismo, mas com o próprio ato de evangelismo. Eles pensam que não há nada fundamentalmente errado com eles, e assim, eles consideram a missão cristã de “converter” as pessoas como um tremendo insulto. Várias objeções específicas contra o evangelismo são vociferadas sobre a base desse antagonismo geral contra a própria idéia de conversão, ou a necessidade de conversão.

Por exemplo, é dito que a ênfase missionária da Igreja equivale a um desdém para com as crenças e costumes de vários grupos de pessoas. Ao invés de serem portadores de boas novas, os cristãos são, portanto, invasores de culturas e destruidores de tradições, urgindo para que seus ouvintes abandonem a fé e as práticas que eles têm tentado preservar por centenas de anos. Protestando contra o evangelismo cristão, esses incrédulos sugerem que ao invés de lhes dizerem para mudar e converter, deveríamos celebrar a diversidade e respeitar suas crenças e estilos de vida.

E assim, eles desafiam a Igreja: “O que? Você pensa que são superiores a todas essas pessoas? Que direito vocês têm de impor suas crenças sobre eles? Como vocês ousam subverter as próprias crenças e práticas que têm distinguido e identificado eles como um povo por centenas de anos? Por que todo mundo deve se comportar como vocês, ou crer no que vocês crêem? Quem são vocês para lhes dizer que eles estão errados e que vocês estão certos, que somente vocês têm a verdade?”.

Como é a prática usual dos cristãos, muitos crentes têm respondido à objeção através de apaziguamento e concessão. Isto é, sempre que os não-cristãos desafiam as crenças e as práticas da Igreja, os crentes tipicamente respondem tentando mostrar que os não-cristãos exageraram a lacuna entre a Igreja e o mundo, e que eles exageraram a ameaça que o Cristianismo coloca às suas crenças, costumes e preferências.

Mas na verdade, a situação é *muito pior* do que os não-cristãos percebem, e tristemente, do que muitos cristãos estão dispostos a admitir. A lacuna é a distância entre o céu e o inferno, mas os não-cristãos podem nem mesmo crer no inferno. A diferença é entre a luz e as trevas, mas muitos não-cristãos crêem somente no cinza. Assim, os não-cristãos de fato geralmente subestimam a lacuna entre a Igreja e o mundo, e a ameaça que o Cristianismo coloca contra as coisas que eles amam.

Certamente nós somos superiores – se fôssemos iguais ou até mesmo inferiores, porque então estaríamos tentando convertê-los? Certamente sabemos mais; de outra forma, porque estaríamos pregando para eles? Mas a chave é que não somos superiores ou melhores *em nós mesmos* . E assim, lhes dizemos: “Sim, nós de fato somos superiores, e de fato sabemos mais do que vocês, mas não em nós mesmos, pois antes de nos tornarmos cristãos, éramos justamente como vocês, sem Deus e sem esperança neste mundo. Mas Deus, que é maior do que todos, iluminou nossas mentes e nos concedeu entendimento. Ele nos mudou e nos fez diferentes – melhores – do que antes. E ele tem nos dado um mandato para declarar a mesma mensagem para vocês, e para advertir-vos sobre o julgamento vindouro”.

Se isso não é a verdade, então deveríamos deixá-los sozinhos. Se isso não é muito superior ao que eles conhecem, então não há nenhuma razão em seu buscar a conversão deles. Buscar a conversão deles significa que pensamos que há algo de errado com eles. Por que não admitir isso? “Sim, há algo de errado com vocês, e esse é o porquê vocês devem se converter”.

A resposta apropriada não é fazer concessão, ou enfraquecer nossa posição, mas devemos retornar ao fundamento da Grande Comissão, que é a autoridade de Jesus Cristo. O desafio do incrédulo contra a Grande Comissão é, no final das contas, um desafio contra aquele que expediu a comissão. Mas Jesus declara que ele possui “toda autoridade nos céus e na terra”, e é sobre *essa* base que ele dá o mandamento de discipularmos todas as nações.

Porque ele tem toda autoridade “nos céus”, o céu inteiro está fechado para qualquer pessoa que recuse entrar através dele. Como ele declara em outro lugar: “Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (João 14:6). E porque ele tem toda autoridade “sobre a terra”, a terra toda está aberta para o cristão através de Cristo. Portanto, nossa resposta à objeção contra o evangelho é o próprio evangelho. A medida que saímos para todas as nações para obedecer a Grande Comissão, não estamos transgredindo, pois estamos agindo sob a autoridade de Cristo, que governa sobre toda a terra. Na verdade, o mundo é nosso através de Cristo – ele não pertence aos incrédulos. Cristo nos autoriza a entrar em todo território e engajar qualquer pessoa a medida que obedecemos a Grande Comissão. Os incrédulos não têm o direito de reclamar.

Quanto à acusação de que o evangelismo exala arrogância intelectual e cultural, nossa resposta deve ser que o intelecto e a cultura cristã são de fato superiores, quer sejamos humildes ou arrogantes sobre ela ou não. Além do mais, não somos arrogantes o suficiente para desafiar a Jesus Cristo, que nos deu a Grande Comissão. E certamente não somos estúpidos o suficiente para lhe dizer: “Somos muito humildes para lhe obedecer!”.

Tendo declarado o acima exposto, e sem se arrepender de nada do que tenhamos dito, somos ordenados a pregar o evangelho, e não a transmitir ideais do Ocidente ou os valores da América. O que é ocidental não é necessariamente cristão, e o que é americano não é sempre bíblico. É verdade que muitos cristãos têm misturado a distinção, e têm pregado as suas próprias tradições não-bíblicas – étnicas, culturais ou nacionais – juntamente com o evangelho. Fomos comissionados a ensinar às nações um sistema cristão de pensamento e um modo de vida cristão.

Assim, estamos indo além do que Cristo nos autorizou se entramos numa nação para tirar seus palitos e lhes darmos garfos no lugar. Isso pode parecer trivial, mas não somos autorizados a fazer essas mudanças, isto é, a menos que seus costumes contradigam ensinamentos cristãos. Num nível mais importante, não somos chamados a pregar nossas teorias não-bíblicas de política, ciência, educação, e assim por diante. Mas é verdade que uma filosofia bíblica deveria afetar e controlar cada área do pensamento e conduta humano – temos apenas que nos assegurar que é realmente uma filosofia *bíblica* que estamos ensinando, e não simplesmente o modo americano.

Eu estive preocupado em mostrar que os cristãos têm sido comissionados e autorizados a entrar e engajar cada nação e cada pessoa com os ensinamentos de Cristo. E visto que Cristo nos ordenou a fazermos discípulos e não meros conversos, não devemos apenas entrar e engajar, mas devemos também permanecer e ensinar. Que Deus possa infundir e reforçar em nós um senso de missão, de dever, e de obrigação prazerosa, para entrar em cada canto do mundo e declarar o evangelho com autoridade. Isso acontece a medida que abraçamos esse grande mandato de Cristo, e verdadeiramente entendemos que ele nos enviou para declarar sua salvação e domínio por sua autoridade e ao seu comando.

2. A Mensagem Cristã

Jesus nos ordena a “fazer discípulos de todas as nações”, e temos visto que discípulos são aprendizes. Assim, o que eles supostamente devem aprender? Quando nos aproximamos de potenciais conversos, o que supostamente devemos lhes dizer? Agora que já definimos o mandato cristão, devemos definir também a mensagem cristã.

Contudo, antes de considerarmos *o que* devemos ensinar às pessoas, devemos considerar primeiro o fato *que* devemos ensiná-los. Essa característica da Grande Comissão carrega tremendas implicações que definem nossa inteira aproximação dos não-cristãos. A Igreja hoje tem frequentemente falhado em confrontar o mundo com poder parcialmente porque ela tem adotado uma filosofia de discurso dos incrédulos, a qual é contrária ao método ditado por Cristo na Grande Comissão.

Uma forma de indicar um erro comum que tenho em mente é observando o que Cristo *não* diz – isto é, ele não diz: “Aprendam a partir de todas as nações” ou “Dialoguem com todas as nações”. Algumas pessoas pensam que é menos abrasivo dar a impressão de que estamos promovendo respeito e entendimento mútuo ao invés de impor nossas crenças sobre as pessoas. Tal atitude gera menos desconforto e hostilidade nos outros, e talvez alguns deles no final verão as coisas do nosso modo.

Mas se dermos a impressão de que estamos dispostos a ouvir ou até mesmo aprender a partir dos não-cristãos, assim como demandamos que eles nos ouçam e aprendam de nós, então estaremos implicando também que é possível para nós mudarmos nossas crenças ao ouvir as visões não-cristãs. Assim como demandamos que eles abandonem seja qual for a visão não-cristã que agora sustentem para se submeterem aos ensinamentos de Cristo, tal atitude dá a impressão de que também estamos dispostos, ou até mesmo com o mesmo nível de disposição que demandamos deles, a abandonar o Cristianismo e adotar crenças não-cristãs.

Se dermos a impressão de que em cada encontro com não-cristãos estamos buscando o entendimento mútuo, e que em cada encontro é possível para nós abandonarmos o Cristianismo, então ou nossa fé é falsa ou somos mentirosos. Isto é, se você está *sinceramente preparado* a abandonar as crenças cristãs toda a vez que você fala ou debate com um não-cristão, então você *já* é um não-cristão. A fé verdadeira crê que o Cristianismo é a verdade, e não somente que ele é a melhor opção dentro do que você já encontrou até aqui em sua vida. Considere o provérbio chinês: “Cavalgue sobre uma vaca para procurar um cavalo” – você permanece com o que você tem enquanto procura algo melhor. Isso é o contrário da fé bíblica, que afirma que já temos encontrado e abraçado a verdade última em Cristo, e que não há *nenhuma chance* de estarmos errados sobre ela. Por outro lado, se não há de fato nenhuma possibilidade de você considerar as visões não-cristãs como verdadeiras, ou de abandonar o Cristianismo, então seria desonesto dar a impressão do oposto.

Portanto, quando abordo um incrédulo, não irei mentir para ele e deixar que ele pense que estou pessoalmente interessado em suas idéias, ou que somos duas pessoas a busca de descobrir a verdade que está “fora dali” em algum lugar. Eu *sei* que já descobri a verdade, que Cristo revelou a verdade para mim, e me concedeu fé para crer nela e ser transformado por ela. Assim, estou interessado nas idéias do incrédulo somente para o propósito de refutá-las, e adaptar minha apresentação para antecipar objeções e mal entendimentos.

Jesus me enviou para *ensinar* ao incrédulo a verdade, para lhe *dizer* o que eu sei, e não para insinuar ou negociar com ele a verdade. Muito menos estou ali para procurar a verdade juntamente com ele. Estou numa missão, não numa busca pela verdade – eu já encontrei a verdade, e estou ali para lhe contar. Isso não implica que devo ser duro e hostil. Dependendo da pessoa e da situação, poderei ser gentil, ou poderei ser rigoroso, mas eu não farei nada menos do que lhe dizer o que crer e como se comportar se acordo com os ensinamentos de Cristo.

Certamente isso é ofensivo aos incrédulos, e sem dúvida também para muitos que se consideram crentes, mas isso é a Grande Comissão. Ou você pensa que devemos supor que os incrédulos apoiarão a Grande Comissão, dando-lhe a aprovação deles e nos aplaudindo? Não, aqueles que estão caminhando para a destruição são escandalizados pelo evangelho. Somente aqueles cujos corações Deus tem preparado receberão e abraçarão, não somente a mensagem de evangelismo, mas o próprio ato de evangelismo também.

Um problema é que muitos crentes são muito concentrados em si mesmos em seu pensamento – eles vão porque *eles* querem ir, porque *eles* querem compartilhar algo útil com outros. Eles não agem sobre a base de uma autoridade espiritual externa e objetiva. Para ilustrar, se como um embaixador você visita uma nação estrangeira com a possibilidade de deserção já em mente, então a partir de sua perspectiva você não está executando uma missão de forma alguma, mas você está ali para ajuntar informação e avaliar as vantagens para você mesmo. Embora você pense que está numa melhor situação permanecendo do seu lado, você está disposto a abrigar outras opções. Por outro lado, eu vou aos incrédulos porque Jesus me enviou, e estou ali para entregar uma mensagem, para *dizer* às pessoas o que o meu Rei requer delas. Não há possibilidade de concessão ou deserção, e eu seria um arauto miserável se permitisse uma impressão contrária.

Assim, na Grande Comissão devemos ensinar, não aprender a partir dos incrédulos ou através de um diálogo com eles. Mas então, Jesus não diz que é os Estados Unidos que ensinariam todas as nações, mas é a Igreja que deve ensinar todas as nações, incluindo os Estados Unidos. Portanto, devemos discipular os Estados Unidos também. Essa nação é um vasto e duro campo missionário. Ele é vasto porque muitas pessoas não são cristãs, e é duro porque a maioria delas pensam que são. A Grande Comissão é relevante em qualquer lugar, até mesmo nos Estados Unidos, e até mesmo na Igreja.

Agora devemos considerar a mensagem em si. Subordinados à ordem “fazei discípulos” e explanatórios da mesma estão os mandamentos de batizar e ensinar. Nos focaremos sobre o aspecto de ensino, de forma que não tomaremos tempo discutindo o significado do batismo na Grande Comissão. Isso não significa que achamos que o batismo não seja importante para a Grande Comissão. Um estudo completo dessa passagem deveria explicar seu papel e sua função no fazer discípulos, mas esse não é um estudo completo.

Todavia, podemos dizer isso: o batismo com água não pode salvar ninguém, e ele acontece somente uma vez para uma pessoa, enquanto que é o ensino do evangelho que leva à conversão e à maturidade, e que deve ser uma busca constante e por toda a vida. Pensar sobre seu papel e implementação na Grande Comissão tomará o restante do nosso tempo. Novamente, isso pode destacar a importância do ensino, mas não diminui o significado do batismo com água.

Nossa passagem especifica pelo menos duas coisas que devem caracterizar nossa atitude a medida que discipulamos as nações:

Primeiro, nossa mensagem deve ser *cristã*. Nós fazemos discípulos “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Observe que o Pai, o Filho, e o Espírito, cada um deles, recebe um artigo definido, indicando uma clara distinção entre os três, mas a palavra “nome” permanece no singular, indicando a unidade e igualdade essencial deles. A construção gramatical é tal que se o Pai é Deus, então o Filho e o Espírito também devem ser Deus, e que se o Pai e o Filho são pessoas, então o Espírito também deve ser uma pessoa.

Assim, a construção gramatical fortemente sugere uma Divindade Triuna, se é que não a prova totalmente. Certamente, a doutrina da Trindade não reside no que podemos derivar desse versículo somente, mas ela é o ensino consistente de toda a Bíblia. Neste momento, o ponto é que a religião cristã é uma na qual o Pai, o Filho e o Espírito são distintivamente três, mas essencialmente um, e na qual o Filho é Deus e o Espírito é uma pessoa. Isso torna a nossa religião muito específica e exclusiva, e entre outras coisas, é esta doutrina da Trindade que a torna cristã.

E se os discípulos devem ser batizados em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, como podemos fazer discípulos sem afirmar e ensinar a Trindade? Devemos reconhecê-la como um dos elementos controladores numa teologia distintivamente cristã. Além do mais, se os discípulos devem ser batizados nesse nome, parece absolutamente impossível reconhecer aqueles que negam a Trindade como discípulos cristãos. Dizer que é crucial para a mensagem cristã ser trinitariana é dizer também que ela é crucial, antes de tudo, para a mensagem cristã ser verdadeiramente cristã.

Somente esse primeiro requerimento exclui eficazmente o Mormonismo, os Testemunhas de Jeová e todos os grupos similares que reivindicam ser cristãos, mas que negam a Trindade, de serem verdadeiramente cristãos. Mas esse é apenas um requerimento, e não é o único, de forma que até mesmo o fato de um grupo parecer ser trinitariano não faz dele necessariamente um grupo cristão. Por exemplo, o Catolicismo Romano afirma a Trindade, mas em cada outro assunto essencial ele contradiz o Cristianismo, quer

estejamos falando sobre hermatologia (pecado), soteriologia (eleição, justificação, santificação), eclesiologia (governo de igreja, autoridade bíblica, os sacramentos), ou escatologia (purgatório, céu, inferno). O Catolicismo é uma oposição *extrema* do Cristianismo – os dois nunca devem ser identificados ou unidos.

Em segundo lugar, nossa mensagem deve ser *abrangente*. Jesus diz que devemos discipular as nações ensinando-as “a obedecer tudo” o que ele ordenou. Isto é, novamente, o porquê dizemos que um discípulo é um estudante *total*, visto que não é suficiente para nós ensinarmos as pessoas a memorizarem os ensinamentos da Escritura, mas devemos também nos assegurar de que elas estão obedecendo todos eles.

Não podemos limitar o “tudo” em “tudo o que eu lhes ordenei” como se referindo somente às porções em vermelho dos Evangelhos,¹ visto que o todo dos Evangelhos reflete os ensinamentos de Cristo, e não somente as citações diretas. Não podemos limitar “tudo” nem mesmo aos próprios Evangelhos, visto que Jesus reconheceu a autoridade do Antigo Testamento e ensinou a partir dele. Então, ele disse aos discípulos que ele tinha “ainda muito que lhes dizer” (João 16:12), mas que eles não poderiam ainda suportar, e que ele lhes enviaria mais tarde o Espírito Santo para lhes transmitir esses ensinamentos adicionais (João 16:13-15).

Paulo explicou que ele falava “com palavras ensinadas pelo Espírito” (1 Coríntios 2:13), e que o que ele escreveu era “mandamento do Senhor” (1 Coríntios 14:37). Ele disse que ele proclamava “toda a vontade de Deus” (Atos 20:27) e não reteve nada. Uma passagem importante de Colossenses explica seu pensamento. Ali ele escreve: “Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (1:28-29).

O apóstolo não estava interessado em pregar o “indispensável”, nem tinha como objetivo produzir pessoas que eram apenas cristãs. Ele estava interessado em apresentar todos “perfeitos em Cristo”, e foi para *esse* fim que ele labutou. De fato, de acordo com a Grande Comissão, o indispensável que devemos ensinar a todas as nações é *tudo* – toda a revelação bíblica, e tudo o que é Cristianismo.

Uma das coisas mais importantes para a Igreja perceber nessa hora é que a Grande Comissão certamente *não* é “evangelismo”, isto é, no sentido limitado que frequentemente usamos a palavra, mas ela é “fazer discípulos”, batizá-los no nome do Deus Triuno e ensiná-los *tudo* o que Deus revelou na Bíblia. “Evangelismo” é apenas um dos primeiros passos no caminho de cumprir a Grande Comissão. Assim, a igreja cujo objetivo primário é o “evangelismo” é também uma igreja que despreza a Grande Comissão de Cristo na sua cara. Fazer do “evangelismo” o foco principal é recusar obedecer à melhor parte da Grande Comissão.

¹ Nota do tradutor: O autor está fazendo referência às Bíblias que trazem todas as palavras ditas diretamente por Jesus grafadas em vermelho.

Embora ele não tenha sido tão duro, Lloyd-Jones é muito claro sobre esse ponto em um dos seus sermões sobre Romanos:

‘O evangelho de seu Filho’ não é só evangelização – e eu penso que vocês concordarão que é preciso dar ênfase a isso na presente hora. Creio que atualmente há o real perigo de que todas as energias da Igreja estejam sendo aplicadas à evangelização. Será que alguém vai me entender mal, ou vai pensar que eu estou dizendo que não deveria haver nenhuma evangelização? Estou dizendo exatamente o oposto. Tudo o que eu estou dizendo é que a atividade da Igreja não deve ser *unicamente* evangelística. Penso que nos dias atuais há o real perigo de que a ênfase à evangelização se torne uma ênfase exclusiva, com a Igreja evangelizando sempre, e ficando nisso. Esse caminho leva à ruína. Não! O evangelho do Filho de Deus começa com a mensagem evangelística, mas não pára aí. Vai adiante, e ensina – na verdade, o ensino é parte integrante da evangelização. De fato, deixe-me fazer esta colocação – todas as profundas doutrinas da Epístola aos Romanos podem vir sob o título, o “evangelho de seu Filho”. Tudo são as boas novas, do começo ao fim, e nada deve ser deixado fora. (*Romanos, Capítulo 1: O Evangelho de Deus*; Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1985; 273-274.)

Hoje, o mundo não está familiarizado com os ensinamentos cristãos. Não podemos assumir que nossos ouvintes possuem algum conhecimento bíblico, e ainda menos podemos assumir que eles já concordam conosco em certos pontos e que precisamos apenas abordar as diferenças. Isso é devido ao fato de que os incrédulos realmente não têm nenhum conhecimento bíblico, mas frequentemente muitos preconceitos, suposições e mal entendimentos. Isso se aplica até mesmo àqueles que vivem numa nação com uma herança cristã como os Estados Unidos. Se aplica até mesmo à Igreja, visto que nos dias de hoje você não pode assumir nem mesmo o monoteísmo com muitos daqueles que reivindicam ser cristãos.

Portanto, não é suficiente pregar “As Quatro Leis Espirituais” ou alguma outra mensagem que seja incompleta ou desconectada com o sistema inteiro da revelação bíblica. Certamente Deus pode converter uma pessoa com muito menos, mas neste momento não estão considerando o que Deus pode fazer, mas o que somos ordenados a fazer.

Assim, em geral, a melhor forma de você abordar um incrédulo é primeiro fornecer um sumário de toda a cosmovisão bíblica, adaptando o tamanho e a profundidade da apresentação de acordo com a quantidade de tempo disponível. Então, como a Providência arranjar as oportunidades adicionais, você deve extensivamente expor os pontos que você mencionou no sumário.

Note que isso realmente faz do “evangelismo” o primeiro passo para um programa de discipulado completo. Agora, se uma pessoa recusa crer, ela provavelmente terminará a

discussão em algum ponto. Mas se Deus a escolheu para salvação e abriu o seu coração, então, em algum ponto em seu programa de ensino, essa pessoa será convertida. Embora algumas coisas possam precisar mudar na maneira como você conta para ela, não haverá nenhuma mudança drástica em seu programa, visto que você já estará na trilha do discipulado. Importa pouco se a conversão acontece em sua primeira discussão, ou se ela acontece meses depois, após muitas discussões – o ponto principal do método permanece o mesmo.

Que tópicos devemos tratar em nossa pregação? Com os judeus que reivindicam crer no Antigo Testamento, você pode incluir uma apresentação da teologia bíblica, ou um aspecto da “história da redenção” em sua mensagem. Se fizermos isso, isso tomará o resto do nosso tempo, de forma que apenas te remeterei a Atos 7 para o exemplo de Estevão. Contudo, a maioria das pessoas que você enfrentará, incluindo aqueles que reivindicam ser cristãos, serão totalmente não familiarizados ou até mesmo hostis à cosmovisão bíblica. Portanto, você precisará de um esboço lógico que cubra os tópicos principais. Um bom exemplo disso é encontrado em Atos 17:22-31.

Como eu já produzi anteriormente uma exposição detalhada de Atos 17 em meu livro *Presuppositional Confrontations*, no qual defendi minha interpretação da passagem, não repetirei o que escrevi, mas assumirei aqui o que já estabeleci ali. Em adição, visto que nosso objetivo é derivar um esboço simples para a nossa apresentação da mensagem cristã, ignoraremos alguns dos detalhes na passagem, tais como as citações dos poetas pagãos, dos quais também tratei em minha exposição da passagem.

Paulo começou dizendo que ele diria aos seus ouvintes o que eles não sabiam. Assim, ele declarou a mensagem a partir de uma posição de autoridade e conhecimento, como um arauto oficial de Deus, e não como apenas um outro investigador confuso em busca da verdade. Ele *encontrou* a verdade em Jesus, mas seus ouvintes não. Ele conhecia a verdade, mas seus ouvintes não, e ele estava ali para ensiná-los.

Mas como Paulo tinha conhecido? Como ele aprendeu a verdade? Pela graça soberana de Deus, que abriu seus olhos espirituais; ele a aprendeu a partir da Escritura e a partir da revelação de Jesus Cristo. Agora nós temos a mesma Escritura que ele tinha, e temos também o que ele aprendeu de Cristo e deixou escrito para nós. Portanto, temos a mesma mensagem, o mesmo conhecimento, e a mesma plenitude de revelação.

Quando falamos com os incrédulos, falamos a partir da Escritura, e assim uma posição de autoridade profética e apostólica, e uma posição de conhecimento. Os não-cristãos estão numa posição de impiedade e ignorância. Isso é ofensivo aos incrédulos, mas não deveria ser assim para os cristãos. E se isto te ofende, a Grande Comissão não fará sentido para você, e irá contra as sensibilidades de sua mente não-regenerada, e você não será capaz de obedecê-la corretamente

Então, sobre esse fundamento, observamos que a mensagem de Paulo toca coerentemente numa ampla extensão de tópicos: teologia (idolatria, Deus, criação, providência), antropologia (criação, herança comum, mandato cultural), hermatologia (ignorância,

arrependimento, julgamento), cristologia (eleição, ressurreição), soteriologia (chamado, arrependimento), escatologia (justiça, julgamento, ressurreição). Em outras palavras, Paulo fala sobre Deus, homem, pecado, Cristo, salvação, e a consumação (que inclui a ressurreição e julgamento).

Isso lembra um esboço padrão de teologia sistemática, não somente no que diz respeito aos tópicos abordados, mas também a ordem na qual eles são tratados. Contrário a uma objeção contra a teologia sistemática, o disciplinado não é arbitrário, mas bíblico e lógico. Certamente os tópicos interpenetram, e certamente nenhuma apresentação – adaptada à situação, a audiência, e ao orador – é completamente “pura” e rígida, mas é inegável que Paulo deu uma apresentação do que chamaríamos de teologia sistemática. E *essa* é a resposta ao que devemos incluir em nossa pregação, e como devemos organizá-la.

Tal esboço é muito útil em direcionar uma apresentação positiva da teologia cristã, mas podemos também traduzi-la em termos filosóficos para fazê-la ainda mais adaptável. Ela poderia parecer de certa forma com isso: epistemologia, metafísica, moralidade, soteriologia e escatologia.

Por que precisamos de um esboço filosófico? Numa apresentação positiva da fé, não há de fato nenhuma dele; de fato, o esboço teológico seria melhor para esse propósito. Contudo, o esboço teológico não pode ser diretamente usado para engajar o incrédulo devido ao fato de que ele poderia não ter as categorias correspondentes em seu pensamento. Uma pessoa que nunca ouviu de Cristo não terá muito de uma cristologia; contudo, é quase certo que ela terá uma visão do que é certo e errado (mesmo que ela creia que não haja certo e errado), e uma opinião sobre qual é a solução para os erros na humanidade – isto é, o que “salvaria” a humanidade. Pelo menos quando pressionada para pensar sobre isso, ela poderá também ter uma visão com respeito ao destino final da humanidade, individualmente e corporativamente falando.

Assim, um esboço filosófico é mais amplo, e pode guiar o engajamento entre a cosmovisão bíblica e a cosmovisão do incrédulo. Ele pode direcionar a apresentação positiva da cosmovisão bíblica, bem como guiar o crente a fazer as perguntas corretas e mapear a cosmovisão do incrédulo, para o propósito de refutação. Mas eu repetirei que o esboço teológico é superior para uma apresentação positiva da cosmovisão bíblica, e visto que ele é mais detalhado e específico, o mesmo é útil para assegurar uma apresentação completa e coerente.

Todavia, outro esboço pode ser derivado de Atos 17. Mesmo que fosse desnecessário reduzir nosso esboço a um mais simples, esse outro é útil por nenhuma outra razão que não a de ser fácil de lembrar: autoridade, realidade, moralidade e mortalidade. A “autoridade”, certamente, refere-se ao princípio epistemológico controlador que produz e restringe o resto do sistema. Discutir mortalidade é discutir a visão da pessoa sobre a morte, sobre o fim, e para onde os itens precedentes de seu sistema o levam.

Repetindo, embora alguém possa seguir em linhas gerais tal esboço num monólogo, um plano rígido geralmente não é possível numa conversação. Cada tópico implica em

outros, e a discussão andar para frente e para trs entre esses assuntos principais. Por exemplo, se a visão do não-cristão da *realidade* nega uma alma incorpórea, então isso afetar sua visão de *mortalidade*, e provavelmente até *moralidade*. E se ele nega a alma, podemos lhe perguntar por qual *autoridade* ele sabe isso.

O esboço pode facilitar também o engajamento. Por exemplo, se o incrédulo afirma a *autoridade* da ciência, como isso se relaciona com a sua crença na autoridade da Escritura? A autoridade científica refuta a autoridade bíblica? Se sim, como? Ou  a própria ciência que está em problema, de forma que ela não tem nenhuma autoridade para nos dizer algo sobre a realidade, moralidade e mortalidade? Assim, a interrelacionalidade dos tópicos não é um problema, e uma discussão estritamente linear  desnecessária, enquanto que cada área maior é no final das contas coberta em alguma profundidade.

3. A Presença Permanente

Se o ato de evangelismo é ofensivo aos incrédulos, a mensagem é ainda mais escandalosa. Ela conflita com os sistemas de crença deles em cada ponto e sobre cada assunto. Ela é intrusa, subversiva, um insulto, e um agouro. Para os escolhidos, ela é uma “fragrância de vida”, mas para aqueles que Deus rejeitou, ela é o próprio “cheiro de morte”. Tal ministério não deve ser considerado fácil. Como Paulo pergunta: “Mas quem está capacitado para tanto?” (2 Coríntios 2:16).

Agora, eu não gosto quando pregadores e teólogos citam uma declaração da Bíblia que parece conduzir a uma certa direção, quando a mesma Bíblia imediatamente responde isso a fim de apontar a direção oposta. Uma das melhores ilustrações é 1 Coríntios 2:9, que diz: “Todavia, como está escrito: ‘Olho nenhum viu, ouvido nenhum ouviu, mente nenhuma imaginou o que Deus preparou para aqueles que o amam’”. Muitas pessoas simplesmente param aqui, e isso dá a impressão oposta do que Paulo está dizendo, pois ele continua: “MAS Deus o revelou a nós por meio do Espírito” (v. 10).

Nós *sabemos* o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Nenhum olho tinha visto, mas Deus o revelou. Nenhum ouvido tinha ouvido, mas Deus o fez conhecido. Nenhuma mente o concebeu, mas Deus nos ensinou. Como? Por seu Espírito. *Esse* é o ponto, de forma que se não formos citar o versículo 10, então não devemos citar o versículo 9 também. A passagem não afirma mistério, mas conhecimento; não afirma algo oculto, mas a revelação.

Algo similar tem sido feito com 2 Coríntios 2:16. Pregadores e teólogos lamentam: “Oh! Quem está capacitado para tanto?”. Mas Paulo não nos deixa em desespero, pois quase imediatamente ele diz: “Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus. Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica” (3:5-6). Nós não somos competentes em nós mesmos, mas Deus tem *nos feito* competentes como ministros da aliança por seu Espírito.

Neste momento nosso problema é que Cristo tem nos dado uma tarefa aparentemente impossível. Ele tem nos ordenado a fazer algo que as pessoas acham intrusiva para lhes dizer algo que elas acham ofensivo. Ele requer de nós algo que ele sabe que é difícil e algumas vezes perigoso.

Mas o Senhor não nos deixa indefesos e sem esperança. Quando Jeremias disse: “Mas eu disse: Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem. O Senhor, porém, me disse: “Não diga que é muito jovem. A todos a quem eu o enviar, você irá e dirá tudo o que eu lhe ordenar. Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo”, diz o Senhor.... E hoje eu faço de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e um muro de bronze, contra toda a terra: contra os reis de Judá, seus oficiais,

seus sacerdotes e o povo da terra. Eles lutarão contra você, mas não o vencerão, pois eu estou com você e o protegerei”, diz o Senhor” (Jeremias 1:6-8, 18-19, mas veja também o v. 17).

Aqui temos a maior das promessas na Grande Comissão – Jesus diz: “E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. O pronome “eu” está incluso no verbo, mas ele é pronunciado como uma palavra separada para ênfase, como se dissesse: “Eu, eu mesmo, e ninguém menos do que eu mesmo, estarei sempre com vocês”. Não alguma outra pessoa, não um anjo, não uma força, mas o próprio Cristo nos conduzirá e nos acompanhará a medida que obedecermos a Grande Comissão.

A Grande Comissão seria impossível sem a presença de Cristo, pois a tarefa é fazer discípulos, mas somente ele pode mudar o coração humano. Somente ele tem o poder de controlar diretamente a mente do homem, e dirigi-la para a direção que ele quer. Sem esse poder espiritual para encher nossa pregação, e torná-la eficaz, ninguém jamais seria convertido.

Paulo escreve: “a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo” (1 Coríntios 1:18). Isso não é porque o evangelho é realmente louco de uma perspectiva racional, mas é porque os pecadores são tão tolos, tão irracionais, e suas mentes têm sido tão obscurecidas e danificadas que é impossível para eles reconhecer a verdadeira sabedoria. Os pontos de referência deles estão tão longe da verdade que até mesmo a mais alta sabedoria pareceria para eles como a maior falsidade, e a tolice mais absurda. Os intelectos deles estão tão debilitados que eles não podem julgar corretamente nem mesmo as provas mais claras e os argumentos mais perspicazes.

Nós podemos oferecer provas e razões, e o Espírito frequentemente os usará em sua obra de conversão e santificação. Mas em si mesmos, até mesmo os argumentos mais sólidos, aqueles que são irrefutáveis e inegáveis, não podem convencer os não-cristãos da verdade do evangelho, pois suas mentes tem sido destruídas de uma maneira abrangente pelo pecado, de forma que há barreiras morais e intelectuais neles que são impenetráveis pelo discurso humano ordinário, não importa quão verdadeiro e sólido ele possa ser. Os incrédulos são muito teimosos para ouvir, e muito estúpidos para entender.

Esse é o porquê a conversão requer um poder espiritual para agir diretamente sobre a mente humana, e para desfazer os laços do pecado num nível mais profundo. Isso é o que chamamos de regeneração, e quando o Espírito faz com que isso ocorra num dos escolhidos de Deus, então ele também concede soberanamente fé no evangelho a essa pessoa. E assim Paulo escreve: “O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus... pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2 Coríntios 4:4, 6-7).

Paulo lembra aos tessalonicenses que o evangelho chegou até eles “em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Tessalonicenses 1:5), e ele diz aos coríntios: “Minha mensagem e minha pregação não consistiram de palavras persuasivas de sabedoria, mas consistiram de demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus” (1 Coríntios 2:4-5). Visto que já escrevi uma exposição suficientemente detalhada das duas passagens em meu livro *Questões Últimas*, não farei nada mais do que mencioná-las aqui. Para o nosso propósito, é suficiente concordar que precisamos de poder espiritual para desempenhar eficazmente a obra do evangelho, e as boas novas é que esse poder nos é prometido com a Grande Comissão.

Esse poder não é algo que podemos produzir. Você não pode manipulá-lo com sua voz, seus maneirismos, sua personalidade, ou sua força de vontade. Você não pode aumentá-lo ou controlá-lo nem mesmo com muita oração, mas estamos falando sobre a ação soberana do Espírito Santo. Sua parte é tornar a mensagem clara, e o Espírito opera de acordo com a vontade de Deus.

A promessa da presença e do poder de Deus não significa que todos aqueles que te ouvirão crerão – longe disso. Embora todos sejam moralmente requeridos a se arrepender e crer no evangelho, e aqueles que rejeitam o evangelho serão punidos por isso, não é a todos que o arrependimento e o crer são dados, mas somente àqueles que Deus escolheu e amou antes da fundação do mundo. Nesses o Espírito operará, e ele os regenerará e converterá. Eles serão recebidos com alegria e com braços abertos. Outros, por outro lado, se oporão a você, lhe caluniarão e lhe insultarão. Mas mesmo então o Espírito estará em ação, endurecendo aqueles que ele deseja endurecer, diretamente e ativamente confirmando o mal em seus corações.

Se eles têm pensado muito sobre isso de alguma forma, a maioria dos cristãos tem uma teologia lamentavelmente inadequada do poder espiritual, uma que não somente falha em reconhecer plenamente a obra do Espírito na conversão e santificação, mas que falha ainda mais em confrontar com honestidade as reivindicações de poder do ocultismo, da bruxaria, das falsas religiões, e das adoração demoníacas.

Algumas pessoas tomam a posição de que os poderes demoníacos não são reais, e que Satanás não tem nenhum poder sobrenatural real, mas a palavra “sobrenatural” é frequentemente ambígua. Embora nem todos eles vão tão longe, alguns deles clarificariam isso dizendo que todas as demonstrações aparentes de poderes satânicos são de fato ilusões. Essa posição parece terrivelmente ingênua, a menos que sua verdade seja estabelecida por sólida exegese bíblica, mas até aqui não estou convencido pelas tentativas com as quais tenho me deparado. E se o significado é que Satanás tem de fato poder para manipular objetos e forças físicas, mas ele não pode fazer nada mais, ou como alguns dizem, que ele tem poder sobre-humano, mas não pode sobrenatural, então ainda precisamos formular uma perspectiva bíblica a partir da qual confrontarmos isso.

Algumas vezes é apontado que a Escritura refere-se aos “falsos” sinais e maravilhas, e a partir disso, têm sido feitas inferências com respeito à natureza dos “milagres” satânicos,

no que diz respeito se eles são sobrenaturais, ou apenas sobre-humanos, ou até mesmo nada mais do que ilusões naturais que qualquer mágico de festa pode produzir. Mas precisamos mais do que isso, visto que “falso” tem diversos significados, e chamar alguém de “falso” profeta não significa que a pessoa não exista, mas que religiosamente falando, ele representa uma mensagem falsa. Uma “religião” falsa ainda é uma religião, apenas a sua mensagem é incorreta.

Da mesma forma, o termo sinais “de mentira” não indica imediatamente a falta de poder sobrenatural real, visto que pode ser que a mentira está na mensagem que acompanha tais sinais, e não no fato de que os sinais sejam meras ilusões. Além do mais, mesmo que alguns milagres “falsos” sejam de fato ilusões, e não sobrenaturais de forma alguma, isso não significa automaticamente que todos esses milagres não sejam nada mais do que ilusões naturais.

A perspectiva bíblica com respeito aos poderes demoníacos, me parece, nunca é negá-los, ou negar que eles sejam sobrenaturais, mas afirmar a superioridade do poder de Deus. Isso não significa que todos os sinais satânicos sejam necessariamente reais, no sentido de maravilhas sobrenaturais e não ilusões, mas que a Bíblia não os confronta a partir de tal perspectiva.

Agora, a Bíblia relata muitos casos de encontros de poder entre os seguidores de Deus e os seguidores de Satanás, Quando Moisés confrontou os mágicos de Faraó, ele jogou seu cajado no chão e ele se tornou uma serpente. Os mágicos jogaram os deles, e eles se tornarão em serpentes também. Quer os mágicos tenham realizado meras ilusões ou não, e os seus cajados nunca tenham de fato se tornado serpentes reais, ou que por um truque de prestidigitação eles trocaram os cajados por serpentes, não é o aspecto mais importante e relevante do assunto. O ponto a ser captado e aplicado é que o cajado de Moisés, transformado numa serpente, consumiu os cajados ou serpentes dos mágicos. E pelo menos a partir dessa perspectiva, pouco importa se os seguidores de Satanás possuem poder sobrenatural real ou não. O que importa é que o poder de Deus sempre é real e triunfante.

Deixe-me lhe contar a história da garota Wiccan² sacudida. Eu devo deixar de lado muitos detalhes interessantes e instrutivos sobre esse incidente por causa da falta de tempo, mas eu lhe direi aquelas coisas que são necessárias para entender a história e que são relevantes para a nossa presente discussão.

Isso aconteceu quando eu ainda era um adolescente na escola secundária. Naquele tempo, eu pregava todo Domingo para um grupo de adultos fora do campus. Havia um grupo de estudo bíblico no campus que se encontrava todas as Quartas-feiras à noite, mas eu não tinha nenhum contato com ele. Até aquele momento, eu nunca tinha pregado para outros adolescentes, isto é, exceto em diversas discussões privadas com amigos sobre o evangelho.

² Nota do tradutor: Adapta da Wicca, que uma religião neopagã, fundada originalmente pelo funcionário público britânico Gerald Gardner. Embora essa fundação tenha ocorrido provavelmente na década de 1940, só foi revelada publicamente em 1954.

Então, um dia encontrei a irmã de alguém que era meu amigo desde a escola primária. Agora ela estava na mesma escola secundária na qual eu estava, embora seu irmão tivesse ido para um outro lugar. Ele tinha me dito sobre ela, mas eu sabia sobre ela também. A medida que conversamos, ela mencionou que estava indo para o estudo bíblico da escola. Ela me convidou para ir, mas quando hesitei, ela sugeriu que eu me encontrasse com o supervisor do grupo da faculdade. Talvez ele pudesse fazer o grupo parecer mais apelativo e mudar minha mente sobre ele.

Assim, eu encontrei o supervisor, e imediatamente nos entendemos muito bem, principalmente porque ele era um homem extremamente sociável e hospitaleiro, e mais do que um pouco jovial também. Ele abria sua casa do campus todos os dias de forma que os estudantes cristãos pudessem orar e socializarem uns com os outros. Nas próximas diversas semanas, encontramos-nos diversas vezes, e após ele descobrir mais sobre mim, algumas das coisas que tinha estado fazendo, e talvez algumas das minhas forças, ele me convidou para me dirigir ao seu grupo de estudo bíblico.

Seria correto dizer que o grupo praticava uma estrutura busca-amigável quando eles se reuniam. De fato, era tão “amigável” que, como descobri mais tarde, uma garota Wiccan tinha visitado as reuniões durante todo o ano e se sentia completamente em casa ali. Mais tarde, eu descobriria que o supervisor da faculdade tinha lhe perguntado porque ela estava indo em todas aquelas reuniões quando ela não tinha nenhuma intenção de se tornar uma cristã, nem estava convencida ou perturbada por algo que foi dito ali. Sua resposta foi: “eu gosto dos cânticos”.

Você pode entender que tipo de atmosfera eles tinham estado fornecendo para aqueles que chegavam. Ninguém sentia ameaçado ou desafiado de forma alguma, e essa era a forma que eles queriam fazer. Assim, conhecendo agora um pouco sobre o tipo de pessoa que eu era, o tipo de coisas que eu provavelmente diria, e a forma como provavelmente iria dizê-las, o supervisor da faculdade e os líderes dos estudantes, estavam ao mesmo tempo um pouco apreensivos sobre a minha aparência.

Para o supervisor, isso foi uma decisão mais ousada – poderia haver grande problema, e havia muita coisa em jogo. Embora eu pensasse que ele era muito “soft”, e tenha lhe dito isso, ele já tinha recebido pressão da escola para encorajar mais o falar sobre o Cristianismo no campus, mesmo que isso fosse numa variedade de busca-amigável. E assim, o que eu iria fazer e dizer ali, ao seu convite, poderia colocar seu trabalho em grande risco. Talvez ele pensasse que eu tinha algo que seu grupo necessitava, mas seja qual tenha sido a razão, ele decidiu me deixar livre a despeito do perigo.

Quanto a mim, o incidente apresentou vários desafios pessoais que eu tive que sobrepujar. Mais tarde, percebi que o incidente marcou um momento decisivo em minha fé e ministério, não por causa do que aconteceu quando eu me dirigi ao grupo, mas por causa do que requereu de mim estar ali. Mas isso é outra história, e tomaria muito tempo dizer o que aconteceu.

O dia finalmente chegou, e após cantar vários cânticos e uns poucos minutos de leitura da Bíblia, o supervisor fez uma breve introdução e eu me levantei para falar. Eu falei sobre o que pensava que o grupo mais necessitava ouvir – sobrenaturalismo bíblico. Eu afirmei o relato da criação contra a evolução biológica, e a historicidade da narrativa do Éden contra as teorias mitológicas. Falei sobre a inerrância da Escritura e afirmei que os milagres na Bíblia de fato aconteceram. Condenei os eruditos liberais nos “cemitérios” (seminários) que estavam subvertendo a fé daqueles adolescentes que estavam tentando seguir, ou pelo menos tentando investigar. Foi de fato um discurso de “busca-amigável” – estou certo que fui agradável para aqueles que estavam realmente buscando. Para o restante, isso foi um som de condenação e um aroma de morte.

A reação geral foi muito positiva. Os cristãos ficaram excitados e encorajados na fé. Um dos líderes dos estudantes me disse, brincando, que o Espírito devia ter estado sobre mim, visto que ele achou que eu estava surpreendentemente entretido – ele geralmente me achava muito sério.

Mas nem todo mundo foi entretido. No dia seguinte, a garota Wiccan foi até o supervisor da faculdade e disse-lhe que, quando comecei a falar, ela sentiu um poder dominá-la e lhe sacudi-la fisicamente, e o mesmo continuou durante toda a noite até a manhã do dia seguinte. Ele se sentia culpada, e muito amedrontada, e foi até o supervisor para uma explicação. Eu não poderia ter manipulado a situação daquela forma, visto que eu não estava ciente de que havia tal pessoa na audiência até que fui informado sobre ela mais tarde.

Eu posso lhe contar muitas histórias como essa, algumas das coisas muito mais espetaculares do que isso, nas quais o Espírito de Deus operou no e sobre o povo de formas que estavam além da minha ciência e controle. Mas *esse* incidente é especialmente relevante porque ele nos apresenta um contraste entre duas abordagens e seus respectivos resultados. Por um lado, você tem um ambiente de busca-amigável no qual até mesmo uma Wiccan poderia se assentar ali, semana após semana, por quase um ano completo, sem nenhuma convulsão nem mesmo na consciência. Então, por outro lado, você tem uma declaração poderosa da verdade da Escritura, da realidade histórica da criação, e dos milagres e da ressurreição de Cristo, juntamente com uma condenação sem desculpas das teorias incrédulas. A promessa da primeira é a aceitação humana inadequada, mas a recompensa da última é a visitação do Espírito. Uma te recebe com abraços e tapas nas costas; a outra te confronta com verdade e poder.

Imagem! A garota Wiccan não cria, mas ela gostava dos cânticos! Por meses ela tinha estado cantando:

Deep, deep, deep, deep, deep, deep, down, down,
 deep down in my heart, I love you Jesus!
 Deep down in my heart.

No fundo, no fundo, no fundo, no fundo, no fundo, no fundo,
 no fundo

No fundo do meu coração, eu te amo Jesus!
No fundo do meu coração.

Alguns de vocês considerariam um cântico como esse muito superficial, e vocês estariam corretos, especialmente se você cantar só cânticos como esse. Todavia, isso é algo que um crente pode cantar com significado – eu *de fato* amo Jesus no fundo do meu coração. “Oh Dia Feliz” não é uma adoração profunda, ou nem mesmo uma adoração, mas é suficiente para me deixar em lágrimas. Foi de fato um “dia feliz” quando “ele lavou os meus pecados”.

Contudo, “Oh Dia Feliz” não converteu aquela garota Wiccan, e ela *não* amava Jesus no fundo do seu coração, ou em algum lugar em sua pessoa, no que diz respeito. Ela estava apenas achando divertido e desfrutando das melodias. Todos estavam confortáveis, e a única pessoa ofendida era Deus.

Mas então, e não até então, alguém apareceu e pregou o evangelho para ela, e talvez pela primeira vez lhe fez perceber que havia uma pessoa e um poder associado com essa mensagem que ela nunca tinha conhecido antes. Ela percebeu que havia algo de errado com ela que ela não poderia corrigir por si mesma, e que ela precisava da salvação de Deus.

Paulo escreve que ele não se envergonhava do evangelho, porque ele é o poder de Deus para salvar todos aqueles que crêem. Se não nos envergonharmos do evangelho, então Cristo não se envergonhará de nós, e nem seremos envergonhados de nós mesmos no dia do julgamento. Mas o que há no evangelho do que se envergonhar? Que promessa! Que poder! Que beleza! Que coerência perfeita! É fácil ter confiança no evangelho.

Para o cristão que abraça a Grande Comissão, e que a obedece em fé, amor, alegria e dever ao Senhor, o poder de Deus em toda sua plenitude é uma realidade presente e ativa. Eu posso pregar com confiança e ensinar com autoridade todas as vezes, e em qualquer contexto, pois eu sei que a presença e o poder do Senhor Jesus Cristo está comigo. Num nível subjetivo, minha confiança descansa no chamado de Deus sobre a minha vida, que é mais real para mim do que o meu próprio nome. Ela ocupa minha consciência durante todo o tempo, e define todos os meus pensamentos, planos e ações. Mas a base objetiva para a confiança é ainda mais forte. Ela é a revelação bíblica do propósito eterno de Deus e seu poder soberano para realizá-lo. Ele terá misericórdia daqueles a quem ele quer ter misericórdia, e ele endurecerá aqueles a quem ele quer endurecer. Ele realizará sua vontade, e não há chance para fracasso. Com a mesma mensagem, ele salvará o eleito e destruirá o ímpio. E porque isso lhe agrada, agrada a mim também.